



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Amarras burocráticas, paradigmas científicos e territórios tradicionais Mbya Guarani: a disputa entre empreendimento, patrimônio arqueológico e retomada de terra na Ponta do Arado, Porto Alegre, RS

Autoria: Marcus Antonio Schifino Wittmann (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A ciência arqueológica praticada atualmente no Brasil tem um vínculo muito forte com os processos de licenciamento ambiental. Mais de 90% dos processos protocolados no IPHAN para pesquisas arqueológicas são referentes a projetos ligados a empreendimentos. Nesse panorama, ciência, burocracia e estado se interligam, influenciando e constringendo a prática arqueológica efetuada em campo e em laboratório. A definição de “patrimônio” e “sítio arqueológico” é disputada entre concepções científicas e burocráticas em alguns processos de licenciamento, todavia, quando se inserem demandas por territórios tradicionais indígenas, novas camadas surgem nesse embate entre ciência, estado e povos tradicionais. A proposta deste work é seguir o trajeto do processo de licenciamento arqueológico de um empreendimento na Ponta do Arado



(Porto Alegre, RS), desde suas disputas para a definição de um sítio arqueológico Guarani na área, até a retomada do local por um grupo de famílias Mbya Guarani e o embate surgido daí entre essa comunidade, o empreendimento, o IPHAN e os arqueólogos. Nesse contexto, a arqueologia - enquanto ciência hegemônica, capaz de construir uma grande narrativa sobre o passado, identidade étnica e território - ao atuar dentro do estado entra em embate com outros saberes e cosmovisões, as quais botam em cheque essa hegemonia. Traçando essas redes desde o processo de licenciamento arqueológico da área de estudo, nota-se como lógicas diferentes sobre terra, território, propriedade, materialidade entram em disputa entre os diferentes atores envolvidos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: